

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 28 Abril 2010

- *Canto “Errore di prospettiva”*
- *Canto “Only Our River Runs Free”*

Antes de começar quero ler duas linhas de um e-mail que recebi a respeito da última Escola de Comunidade, diz, assim: «Muitos ficámos perplexos e até um pouco enfasiados com tantos discursos prolixos». Está Claro? Então, já chega de intervenções prolixas. Peço-vos que sejam concisos, que digam uma coisa com um juízo, isto faz parte do trabalho a fazer, é necessário chegar ao portanto, dar os dados precisos para perceber e dizer aquilo que se aprendeu.

Eu queria contar uma experiência que fiz nos Exercícios da Fraternidade. Impressionou-me muito que tu fechasses as duas lições com o pedido ao Espírito Santo. Pareceu-me a coisa mais racional e necessária, em nada contraditório com o trabalho e com a minha liberdade, e espantou-me porque de outras vezes não me aconteceu assim, antes, quando don Giussani pedia: «Peçam ao Espírito Santo», sentia um incómodo, como se dissesse: «E eu não devo fazer nada?». Pelo contrário, agora, não só não é um incómodo, mas é como uma libertação e um alívio, porque me dei conta que não sou capaz de nada; de facto tu dizias para pedirmos para o desejar, para o conhecer e para estar disponível. E como houve uma objecção na Assembleia no Hotel - «Mas como é que é possível, agora que o Carrón passou toda a lição da tarde a dizer para não descarregarmos, voltamos a descarregar?» - , eu digo que como juízo não estou totalmente de acordo, porque me parece não propriamente um descarregar da liberdade, mas antes o cume da liberdade.

É interessante a pergunta, porque o pedir o Espírito Santos é a maior expressão da liberdade quando esta liberdade nasce da consciência de todos os factores do real. Porque se eu me dou conta da desproporção entre aquilo que desejo e as minhas energias , a expressão mais consciente é pedir, mas percebo que, depois de termos feitos as duas lições desenvolvendo todo o percurso a fazer, uma pessoa sinta isto como um descarregar. Eu muitas vezes ouvi falar assim da oração e do pedido, colocando como alternativa duas coisas que imediatamente seguem unidas na experiência, como se o facto de se dizer «Peço», não significasse nada; percebo que uma pessoa possa sentir o desconforto desta redução do movimento do eu apenas à oração (não a todo o percurso que *don Gius* nos colocou diante nestes dias). Por esta razão não as devemos colocar em contraposição, porque o trabalho que nos é pedido para fazermos nestes dias tem sempre dentro, em qualquer ponto do caminho, o pedido, se não é um trabalho humano. Por esta razão como cume, como ponto último deste trabalho, não como substituição, chego ao pedido. Parece-me ser a posição mais consciente de todos os factores e por isso é a expressão mais humana. Impressionou-me sempre o momento do percurso, no capítulo décimo *d’O Sentido Religioso*, no qual *don Giussani* introduz a oração, não a introduz imediatamente, a oração surge depois de ter feito todo o percurso, do espanto ao reconhecimento da realidade como um dado, ao ver virem ao de cima as características, ao tornar-se consciente de quem somos e que se está grato e feliz porque existe, ao ser um eu despertado ao ponto de se tornar consciente que é um Outro que o faz e naquele momento, como ponto culminante, a oração é a consciência deste Tu que me faz: não qualquer coisa de pio, de usado à laia de adereço, mas a expressão mais aguda da consciência do eu diante do real. Por esta razão não se pode colocar em contraposição o trabalho e a oração – mas tantas vezes nós rezamos de uma forma devota, piedosa, sem que esteja presente toda a consciência do eu - , isto não é descarregar, isto é a consciência de uma pessoa que, precisamente por não descarregar, precisamente por ter feito todo o percurso, pode

perceber por que é que a coisa mais inteligente a fazer é pedir, é gritar. Esperamos que este ano com o trabalho sobre os Exercícios consigamos superar estas contraposições que fazemos imediatamente, mas que não têm a ver com nada. Quando vocês vêem qualquer coisa em contraposição é porque não perceberam, digo-vos isto como ajuda: quando há alguma coisa que entendemos em contraposição, significa que não entendemos de onde surge. Por esta razão é interessante e conveniente que nos identifiquemos com *don* Giussani: porque *don* Giuss faz-nos fazer todo o percurso desde a sua origem (por isto se uma pessoa pensa ser mais esperta de forma a conseguir chegar à conclusão sem fazer o percurso, faz asneiras, mas é apenas a consequência de não ter seguido a modalidade com a qual *don* Giussani na sua genialidade, que não é outra coisa se não a sua simplicidade de seguir a forma como as coisas acontecem, te faz aprender).

Queria contar uma experiência dos Exercícios. Parto de um ponto que me impressionou verdadeiramente no final da primeira lição onde dizias: «Nós podemos ser diferentes se é um Tu que domina e isto apenas é possível se aceitamos mover o centro afectivo de si para um Tu»; e no final dizias: «Renasça em nós este desejo de Cristo para que o possamos reconhecer sempre mais não como palavra mas como experiência imprescindível, tanto te faz fazer experiência diferente diante de uma pessoa querida ou estranha porque amamos tudo sob a tensão, a carga desta comoção». Conto este facto que aconteceu; no Sábado á noite depois da Assembleia no Hotel, saímos com alguns amigos para beber uma cerveja e estávamos à volta de uma grande mesa, um belo grupo, começa-se a tagarelar, aliás, começa um diálogo “celino” correcto; a uma certa altura eu comecei a sentir um mal-estar e à minha frente estava um grande amigo meu, um dos mais queridos, no qual percebia o mesmo mal-estar, então, a uma certa altura provooco-o e digo-lhe «Mas o que é que tens?» e ele, espantado, responde-me «Sinto um mal-estar». E eu então perguntei-lhe «Mas porque é que sentes este mal-estar? A companhia não é bela? Somos os amigos mais chegados, mais queridos!» e ele pensa e diz: «Não sinto este mal-estar porque não está Cristo», então eu saltei enchi-me de raiva e disse-lhe: «Não, Cristo está, não só porque faz todas as coisas e sabemos-lo, mas também porque disse: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles”». De repente vi o seu rosto mudar, comoveu-se de tal forma que começou um diálogo de tal forma discreto, como que se impunha o silêncio de que falavas, e quem estava ao pé de nós apercebeu-se, porque alguns levantaram-se e aproximaram-se. Mudou tudo, como tu dizes, com os mesmos ingredientes. O ser investido desta comoção foi de tal forma, eu falo por mim, que transformou também o meu modo de estar ali. Na manhã seguinte à Assembleia retomei esta coisa do Tu que domina que se traduz em Letícia pela Sua Presença. Eu fiz experiência desta Letícia absoluta (bem como os meus amigos que ali estavam) por isso impressionou-me que tenha transformado não só aquele momento ali, mas que tenha caracterizou todos os dias após o regresso, incluindo o voltar ao trabalho.

Até num diálogo normal, uma pessoa pode estar ou não estar, mas basta que haja uma pessoa que esteja presente e tudo muda no diálogo; basta uma pessoa, porque podemos ser filhos e andarmos distraídos e esta pessoa, por graça – porque o Senhor faz sempre assim, é este o método – chama todos.

Tu nos exercícios disseste: «Cristo agarra-nos tão potentemente que tudo é olhado na sua verdade; n’Ele cada coisa era milagre e assim quanto mais uma pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja, tanto mais o espanto dos sinais de Deus brotará até no pensamento mais recôndito». Eu estou a frequentar uma escola para entrar no concurso de magistratura, de manhã faço um estágio num ministério público, à tarde vou à escola e à noite tenho de estudar.

Agora a experiência do Tu que domina, acontece-me sobretudo no tribunal diante dos réus (é um sector especial porque se trata de maus tratos, pedofilia e violências sexuais, e tantas vezes me espanto porque quando entra o acusado, à medida que entramos nos detalhes dos crimes, o olho experimentando – desculpa o termo – “nojo”), quando há sempre um instante em que experimento ternura, porque me apercebo que tenho uma esperança sobre eles. Mas há um grande problema: eu à noite estudo e entre as matérias há uma que odeio, não gosto, mas tenho de a estudar e muito. Eu tento estudá-la bem porque é útil para o concurso, e no entanto pode acontecer que tenha estado diante de um Tu que domina até há duas horas atrás (a ponto de o pedido d’Ele ser verdadeiro, nada sentimental, nada construído, há um grande desejo de viver com a mesma intensidade) e naquele momento não basta, e de facto, quando estudo, mal posso esperar para acabar as minhas cinquenta páginas e arrasto tudo... Então digo, nós dizemos sempre que João e André teriam podido nunca mais vê-lo, mas tinham-se tornado diferentes. Estamos certos?

Perdeste algumas passagens, leio-te porque isto é muito importante: «o coração deles naquele dia tinha-se embatido numa presença que correspondia inesperada e evidentemente ao desejo de verdade, de beleza, de justiça, que constituía a sua humanidade, simples e não presunçosa. Desde então, mesmo que o traíssem e o entendessem mal mil vezes, nunca mais o abandonaram tornando-se seus». O que é que tinhas perdido? «mesmo que o traíssem e entendessem mal mil vezes.» Isto é exactamente aquilo que te acontece, como me acontece a mim; mas isto punha em discussão o que tinha acontecido naquele encontro? O sermos seus não quer dizer que depois não exista a dificuldade. O sermos seus é um juízo: com mais ninguém João e André tinham alcançado a plenitude, a satisfação (digamos - a experiência de correspondência) que tinham experimentado diante desta Presença, e isto é um facto. Depois disso uma pessoa pode esquecer-se no instante a seguir, pisá-lo, errar, mas isto não muda.

Mas falta ainda uma coisa. Eu tenho presente que as circunstâncias em que chego a dizer: «Sou Tua» são inevitavelmente diante de pessoas. O verdadeiro problema é quando estás ali, sozinho (à noite estou sozinha a estudar), no teu quarto, com um computador diante, ali como podes voltar a dar-te conta de Alguém que re-acontece? Percebeste? Não é sequer só o problema da traição.

Como já disse outras vezes, o problema é que a primeira redução fazemo-la diante das pessoas, porque se tu estivessees verdadeiramente consciente daquilo que aconteceu quando estás diante das pessoas, isto permitir-te-ia um instante depois enfrentar a vida com isto nos olhos. O facto que depois desapareça quer dizer que tu identificaste Cristo com o impacto sentimental que tiveste. E esta é a primeira redução, parar na aparência. Dou-te um exemplo: se tu tens uma pessoa de quem gostas, de quem gostas verdadeiramente, e se estás verdadeiramente preocupada porque tem uma doença grave e tu um dia no jornal encontras a notícia que se descobriu um remédio, o que é que provoca em ti saber esta notícia?

Vou, compro-a e levo-lha.

Antes ainda, tens um impacto belo, de alegria, por esta notícia, ao pensar na pessoa a quem queres bem. Depois distrais-te e quando vês a pessoa que sofre – e te esqueceste do jornal – podes evitar vê-la tendo diante dos olhos esta notícia? Não. Porquê? Porque não era simplesmente o impacto sentimental, mas a realidade já era diferente pelo facto de existir este remédio que a pode curar. É um juízo que permanece, mesmo quando desapareceu o impacto sentimental. Se não é assim, nós estamos na realidade, depois dele ter desaparecido, como antes. Ora, que uma pessoa tenha a clareza deste juízo, não poupa a dificuldade de entrar no real, porque Jesus não veio poupar-nos a dificuldade, mas veio permitir-nos entrar nas dificuldades na Sua companhia. E esta é a verificação da fé que cada um deve fazer: ou seja se tu te pões a estudar com a consciência daquilo que te aconteceu. Mas isto não uma coisa mágica, nós às

vezes parece que identificamos o ter encontrado Cristo com uma certa magia na vida, pela qual nos é poupada a dificuldade. Não é assim porque se fosse assim não entraria na minha vida, nunca seria meu, ficaria de fora. Ainda bem que as coisas não acontecem como tínhamos na cabeça, ainda bem! E então é ali, mesmo ali, naquela circunstância que tu comesças a ver que há uma maneira de estar na realidade, diante dos processos em que tens de participar para te exercitares, tu podes ver que comesças a estar ali com uma novidade que antes não tinhas; e isto faz-te ter a esperança que no tempo esta novidade possa chegar até à matéria que odeias. Mas isto acontece passo a passo, e isto é fundamental para que tu não penses que és uma visionária. A fé é qualquer coisa real, que entra na vida real, não magicamente, mas através de todas as passagens que devemos fazer, atravessando-as todas, para poder ver a vitória de Cristo ali, não ao lado, não antes: ali, através daquilo que acontece.

No Domingo à noite voltei do Exercícios com uma sensação, a sensação de não ter captado a totalidade do itinerário que fizeste.

Temos o ano inteiro.

Ainda bem. Antes de mais, na segunda lição, quando abordaste a liberdade, descobri-me como que falto de experiência, quer dizer, não conseguia achar o nexo entre o meu quotidiano e as características, as dinâmicas da liberdade pela maneira como as descrevias. Havia como uma névoa entre as palavras que tinha ouvido de ti e a minha quotidianidade, a minha experiência. A única tentativa de juízo a que mais ou menos tinha conseguido chegar foi que talvez tivesse dado por adquirido saber o que era a liberdade e, em vez disso, não sabia; portanto, vi-me quase obrigado a retomar os apontamentos o mais depressa possível, coisa que sucedeu na manhã de segunda-feira, no comboio. Enquanto revejo os apontamentos e tento fazer um bocado a síntese, a certo ponto surpreende-me um juízo que surge autenticamente de repente: será possível que Carrón, durante aquela segunda lição, não tenha feito outra coisa senão dizer-nos que não reparamos que fomos já feitos? Talvez na raiz do nosso humano existam já todas essas dinâmicas, todas essas características, mas nós simplesmente passamos por cima delas. Fiquei comovido: foi uma nova descoberta de que fui feito, já fui feito. E tornou-se também mais claro para mim a razão por que tu, sistematicamente, para usar a gíria do poker, fazes “all in”, ou seja, jogas tudo na tua humanidade e portanto, conseqüentemente, no nosso. Isto aqui lança-me mais uma vez, sempre com mais vontade, mais fascínio, numa aventura, que posso viver numa comunhão que em primeiro lugar experimento na relação contigo e tem uma raiz: a ternura de Jesus para comigo, uma ternura infinita.

A única coisa de que temos de aperceber-nos é que é verdade que nós descobrimos na relação com o real aquilo que somos, quais as dinâmicas constitutivas do eu; mas a questão – sobretudo com a questão da liberdade e a da razão – é que isto tem de jogar-se, é preciso pô-lo em jogo, como tu dizes, existo, mas podemos passar por cima disso. *don* Giussani, como vêem, não inventa nada, mas explica-nos como a realidade põe em movimento toda a dinâmica do conhecimento e como a presença do real desafia toda a liberdade; não cria a minha razão ou a minha liberdade, temo-las já. A questão é se nos identificamos lealmente com essa dinâmica perante a qual ele nos coloca ou se confundimos isto com aprender um discurso, em vez de nos deixarmos atingir pelo real como ele nos mostra. Porque o que ele dá é muito mais que uma lição, é o testemunho do que faz um eu que é leal com o embate do ser sem o bloquear (na razão) e sem fechá-lo (na liberdade), porque o humano pleno é quando o eu está aberto. E qual é o valor disto para nós, que tantas vezes paramos e ficamos bloqueados? Que não é em primeiro lugar um juízo negativo, mas é como se alguém te dissesse: «Tu estás a aprender matemática, olha que geralmente se erra nesta passagem ou se erra nesta outra, toma atenção aqui», é esta ternura de alguém que tem dá tanto valor ao teu destino que não te poupa o trabalho, porque está

ciente de que és suficientemente inteligente e tens recursos suficientes dados pelo Mistério para poderes fazê-lo, mas diz-te: «Olha que onde geralmente erramos é aqui, é aqui, é aqui», e faz-te prestar atenção, porque senão converte-se tudo em voluntarismo e tudo se bloqueia. Por isso não nos diz somente que existem a razão e a liberdade, mas mostra-nos, testemunha-nos como se movem uma e outra, de modo que a nossa relação com o real contribua para que se revele cada vez mais o meu eu enquanto razão e enquanto liberdade, para o crescimento do meu eu; esta é a grande oportunidade para cada um de nós, se estivermos dispostos a fazer isto. Não é preciso não sei quê, é preciso esta simplicidade de não bloquear a dinâmica que a realidade introduz em qualquer pessoa.

Não estive nos Exercícios porque um amigo me tinha pedido que o acompanhasse a outros; na semana passada uma amiga minha diz-me: «Desculpa lá, mas por que é que não vens aos Exercícios?». «Porque disse que sim ao outro». No entanto, ao longo dos dias é como se isto me tivesse despertado a vontade de ir, mas em parte por causa do atraso, em parte por coordenar-me com a minha mulher, que não é do movimento, em parte porque no domingo eram os anos da minha mãe... Decidi não ir, contrariado, e notei que é mais difícil por vezes dizer não do que dizer sim. Estranhamente, depois desta decisão não fiquei irritado, como costuma acontecer quando me falta alguma coisa. Por que é que fiquei contente? Porque me dei conta que o que eu pedia e o que os meus amigos em Rimini pediam era a mesma coisa: ser de Jesus, e neste pedido o meu coração ficou contente. Depois aconteceu os meus amigos mandarem-me algumas mensagens de Rimini com alguns pontos do que estavas a dizer. Tudo isso fez com que eu ame mais a minha mulher e os meus filhos. O que te queria pedir era um juízo sobre isto.

Se chegaste a este ponto: basta. Por vezes uma pessoa tem de decidir, o movimento oferece estes dois gestos, e uma pessoa pode num momento concreto avaliar se quer ir a um ou a outro por um determinado motivo; tu próprio deves ver se, diante de uma determinada hipótese, sentes que perdes alguma coisa: isto é o juízo. Depois faz-se aquilo que se pode fazer, não é forçoso fazer sei lá o quê, o mais importante é dizer sim ao Mistério, dentro da modalidade em que o Mistério nos chama agora. Uma pessoa pode estar impossibilitada de ir – então os melhores Exercícios são não ir, são dizer sim ao Mistério. O problema não é ir ou não ir, é dizer sim ao Mistério, ponto. Este é o momento mais fácil de todos, quando a circunstância é inevitável: essa é a circunstância mais fácil, em que uma pessoa está certa e segura daquilo que deve fazer. Por vezes, noutros casos, não se trata de circunstâncias inevitáveis, uma pessoa pode ter uma hipótese, e então é preciso avaliar todos os factores, de modo a poder chegar com clareza a um juízo, mas a questão é que uma pessoa, quer vá quer não vá, ajuíze. Depois, mesmo se uma pessoa arrisca e ajuíza, deve avaliar a partir da experiência o que é que isso significa, quando olha para os outros que participam, o que é que acontece em si mesmo, se vir que não ter participado num gesto ao qual todos somos chamados a participar é um menos para si próprio (normalmente damos-nos conta disso depois, quando alguém que esteve presente nos conta); não é por um moralismo, não é porque eu deva apresentar o cartão e dizer que sou do CI; não, é que me incomoda ter perdido esta oportunidade. Isto é o juízo, é uma coisa que uma pessoa deve ver surgir das vísceras da própria vida, para não a impingir apenas como uma coisa estranha.

Antes de mais uma observação sobre o que foram para mimos Exercícios. Aquilo que vi e ouvi corresponde de tal modo ao meu coração que nada me parece mais real. Dois exemplos. Durante os dias em que estive nos Exercícios vi mudar a cara do meu marido, e no regresso a casa sentia-me cheia e com o olhar muito mais aguçado, de tal modo que ontem, por exemplo,

telefona-me uma pessoa que eu não vejo há meses e que sei estar numa situação difícil, e a quem já dei ajuda e disponibilidade no passado; liga-me pedindo uma ajuda prática, mas a certa altura dou-me conta de que seja qual for o conselho prático que eu lhe pudesse dar, não lhe bastaria, e isso bloqueou-me, fiquei muda perante uma frase que me disse, dei-me conta de que o seu desejo era muito maior e coincidia com o meu. Mas a coisa que mais me comoveu não foi tanto ter notado isto, porque nem a mim mesma teriam bastado aqueles conselhos, a coisa que mais me comoveu foi eu ter-me perguntado a mim mesma que sentido tinha aquele facto acontecido exactamente naquele momento, ontem, e a comoção surgiu na resposta que dei a mim própria, porque me disse: «Este é o modo com o qual Cristo desperta o meu desejo»; isto é uma coisa que eu noto recentemente: a maior comoção que sinto não é tanto diante da necessidade do outro ou da minha própria necessidade, mas no facto de notar que Cristo me ama a tal ponto que faz com que estas coisas aconteçam diante de mim a fim de me despertarem. A outra coisa que eu queria dizer era esta: tantas vezes na Escola de Comunidade ouvi contar factos semelhantes, mas esta é a primeira vez que me acontece a mim, ou talvez nem seja a primeira vez, mas notei esta coisa: é verdade aquilo que dizes, que uma pessoa pode ouvir contar estas coisas tantas vezes, através de testemunhos ou de amigos, até ao ponto de uma pessoa talvez até se sentir comovida, mas se depois a pessoa não se move.... Antes de mais, é preciso que a minha humanidade esteja desperta, que tenha diante de si toda a amplitude do próprio desejo, mas se depois não existe um eu que adere livremente e que vai ao fundo do sinal que vê, não acontece nada e não pode ser para mim.

Não é para mim, nunca será meu aquilo que vejo acontecer aos outros. Reparem, a questão é que nós começemos a identificar-nos com aquilo que nos é proposto; a um dado momento, tal como lhe aconteceu a ela, acontece uma surpresa; isto é o resultado de uma educação, de um percurso. Uma pessoa não pode medir: «Ponho-me a trabalhar e tenho de ver imediatamente os frutos». Eles acontecem segundo uma modalidade que não é aquela que temos na cabeça; se uma pessoa diz: «Como os frutos não chegaram rapidamente, desisto», então eles nunca chegarão. Porquê? Porque crescer lentamente é a modalidade mais adequada ao humano. Giussani faz um belíssimo *excursus* sobre este “lentamente” no capítulo quinto de *Na Origem da Pretensão Cristã*: lentamente, porque é a modalidade mais adequada a nós, para que se torne nosso. Isto significa que devemos enfrentar o trabalho abertos, com a certeza de que ele nos levará aonde nos foi prometido, mas segundo um desígnio que não é o nosso.

E depois, em relação à outra coisa que estavas a dizer antes sobre o juízo, foi dito: “Mas como faço eu quando estou sozinha a experimentar a mesma comoção, a fazer as coisas?”. Eu notei uma outra coisa, pelo menos para mim é assim: se nós não estamos dispostos a fazer este trabalho com continuidade, até o juízo fica pelo caminho. Aconteceu-me ter períodos em que, em situações extremamente difíceis, eu conseguia aguentar mesmo sem ter ninguém ao meu lado a ajudar-me, e depois deu-se um longo período em que esta capacidade deixou de existir e havia sempre os momentos da Escola de comunidade, havia sempre os amigos, havia sempre tudo; parece-me que aquilo que tinha desistido de fazer era o trabalho; desistindo, a uma dada altura até o juízo enfraquece até se tornar tão inconsciente que uma pessoa passa a estar à mercê das circunstâncias.

É mesmo assim, obrigado.

Querida falar-te da experiência que estou a fazer nestes dias; tenho o meu pai doente e hoje foi-lhe dada a extrema unção e a coisa impressionante é que, embora esteja com uma grande dor, surpreendes-te pela presença do Senhor, e isso é uma coisa real. O sacerdote disse: “Realizamos este gesto como Jesus fazia quando encontrava os enfermos”, e na simplicidade

daquele gesto emergiu a presença do Senhor, tanto assim que o meu pai, que está numa cadeira de rodas, no fim disse que pediu para o acompanhar até à porta, e isso é um facto simples, que não seria explicável porque, sobretudo quando sente as dores, prefere estar deitado. E assim poderia contar tantos factos que aconteceram, e aquilo que me vinha à mente em relação aos Exercícios era quando tu falavas da Fraternidade e em particular davas o exemplo da hóstia, tu dizias: “Eu ponho toda a minha esperança na hóstia? Não, Cristo serve-se da hóstia, eu adoro na hóstia Cristo presente”, esta é efectivamente a experiência que faço.

Obrigado. Sinteticamente esta é a proposta: aquilo que o método sacramental introduz é precisamente que nós não púnhamos a esperança ali, mas coloquemos a esperança n’Aquele – dizíamos – que está ali. Se em cada pedaço do real não usarmos o mesmo método, permanecemos na aparência e assim não podemos estar diante de todo o real, diante de todo o nosso desejo e de todo o drama da vida.

O livrinho com os textos dos Exercícios será anexado ao próximo número da *Tracce*. Como de costume, peço-vos que evitem circular apontamentos “apócrifos”; cada um utilize os seus de modo pessoal, e entre poucos dias poderemos trabalhar todos sobre os oficiais. A próxima trabalharemos sobre a Introdução de sexta-feira à noite.

Domingo 16 de Maio encontramos-nos em Roma. Ir a Roma rezar o *Regina Coeli* é a peregrinação que queremos oferecer, com o Papa e para o Papa. Por isso, privilegiamos este gesto em relação a qualquer outra – repito: a qualquer outra - iniciativa ainda que previamente marcada, porque é um gesto que nós propusemos com esta clareza precisamente pelo desejo de afirmar qual é o vínculo que nos introduz ao real: uma Presença histórica, conduzida pelo sucessor de Pedro. Queremos afirmar o que é que nos impede de sucumbir à confusão e a todas as interpretações possíveis e imagináveis em que inevitavelmente nós cairíamos, se não existisse um ponto histórico de referência que nos diz a verdade acerca de Cristo. Sem Pedro nós estaríamos na confusão total! Isto não é um gesto para nos encorajarmos mutuamente, mas um gesto que neste momento particular da história afirma com clareza onde está a âncora histórica da nossa fé.

Sem estar desligada deste contexto temos a proposta do livro do mês para Maio e Junho, os *Coros de “A Rocha”*, de T.S. Eliot. É extremamente actual este texto em que ressoa dramaticamente a interrogação: “Foi a Igreja que abandonou a humanidade, ou a humanidade que abandonou a Igreja?”. A resposta é afirmativa em ambos os casos, como disse *don Giussani* na última entrevista que nos deixou: “Antes de mais foi a humanidade que abandonou a Igreja, porque se eu preciso de algo, vou atrás dela quando ela se afasta”. E a pergunta: “E a Igreja quando é que abandonou a humanidade?”, *don Giussani* respondeu: “A Igreja começou a abandonar a humanidade quando esqueceu quem era Cristo, quando teve vergonha de Cristo, de dizer quem é Cristo”. Eis a razão porque é particularmente significativo ler este texto agora.

• *Gloria*